

**PEDAGOGIA UNESP/UNIVESP – EDUCAÇÃO INCLUSIVA E ESPECIAL: O “OLHAR”
DOS ALUNOS.**

Rosimeire Dos Santos, Danielle Aparecida Do Nascimento Dos Santos, Stelamary
Aparecida Despincieri Laham

Eixo 5 - A formação de professores na perspectiva da inclusão
- Relato de Experiência - Apresentação Oral

Resumo: Um dos questionamentos iterados na área da Educação é o trabalho com a diferença. Como superar os desafios impostos pelas diferenças humanas mais acentuadas que interferem nos processos de desenvolvimento e aprendizagem das nossas crianças? A Política de inclusão escolar ainda continua em grande parte dependendo da mudança atitudinal dos professores frente à tarefa de atender a diversidade. E o professor continua apontando a falta de preparo para seu enfrentamento. Nesse sentido, nosso principal desafio tem sido a questão da formação docente para a sala comum, para o atendimento aos estudantes com deficiências, transtorno global do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. O Curso de Pedagogia da UNESP/UNIVESP adentrou nesse universo contemplando essa discussão e, nosso esforço nesse artigo é de análise do material proposto e sua correlação com os relatos dos alunos no que se refere ao trabalho com a diferença. O presente estudo revela que a educação que vence distâncias – Educação a Distância - (EaD) que exige novas formas de organização e gestão tem conseguido promover reflexões e informações relevantes na formação dos profissionais para atuação na escola regular. Palavras chave: Educação a Distância, Curso de Pedagogia e Educação Inclusiva.

PEDAGOGIA UNESP/UNIVESP – EDUCAÇÃO INCLUSIVA E ESPECIAL: O “OLHAR” DOS ALUNOS

Rosimeire dos Santos¹; Stelamary Aparecida Despincieri Laham¹. UNESP - FCL/Araraquara; Danielle Santos¹. UNESP – FCT/P. Prudente.

INTRODUÇÃO

A problemática da formação de professores adquire no momento atual especial relevância e destaque, a escola democratizada² exige que o processo educacional deva estar a serviço da democracia, do direito à aprendizagem de todas as nossas crianças. A educação como direito fundamental e subjetivo modificam o papel desta instituição que passa a ser, por força de lei, inclusiva. Nesse contexto, a Educação à Distância, pode ser o meio para a expansão da formação docente no ensino superior, partindo da transformação dos métodos tradicionais de ensino em uma nova proposta pedagógica, ancorada na utilização das mídias.

Dessa forma, temos a frente um grande desafio, com a utilização das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), oferecer oportunidades reais de interação e construção de conhecimentos, desempenhando papel importante no processo de transição de uma escola excludente para uma escola inclusiva, em que a Educação à Distância possa ser um dos caminhos de efetivação do processo de democratização da escola.

A Educação Especial não pode ser confundida com ensino diferenciado onde se contempla metodologias e técnicas diferenciadas de ensino que serão desenvolvidas e aplicadas exclusivamente para atender aos estudantes com deficiência, transtorno global do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, é muito mais que isso, ela envolve também a ideia de transformação da sociedade e da cultura hegemônica, na medida em que essa privilegia determinados grupos em detrimento de outros.

Para iniciar essa análise com o aporte de correlacionar a proposta apresentada do curso de Pedagogia do Eixo Articulador – Educação Inclusiva e Especial com os relatos realizados pelos alunos por meio das atividades e relatórios realizados conferindo em que sentido as discussões dão suporte para a construção de uma escola inclusiva. Desse modo, considera-se importante trazer à tona uma reflexão precedente, a de buscar conceituar os termos diversidade, diferença e identidade.

Assim destaca-se o termo “diversidade”, tão utilizado pelas reformas educativas, que pouco define com precisão a terminologia, utiliza-se em discursos voltados a

descrição de culturas, comunidades, línguas, corpos, sexualidade, designando o outro do outro pelo parâmetro da “normalidade”, tratando assim de forma marginal como “temas transversais” nas orientações oficiais reconhecidas e legitimadas.

O respeito à diversidade relaciona-se intimamente com o direito a inclusão social. Sem nos aprofundar nas múltiplas compreensões do que seja inclusão, mas destacando que o respeito ao diferente não é totalmente coerente se não estiver alicerçado no reconhecimento da sua diferença, com os mesmos direitos que os outros, entre eles, a educação, em todos os seus níveis. Nesse caminhar, ressalta Candau (2008) “as relações culturais não são relações idílicas, não são relações românticas, elas estão construídas na história e, portanto, estão atravessadas por questões de poder, por relações fortemente hierarquizadas, marcadas pelo preconceito e discriminação de determinados grupos” (p. 23).

Tomaz Tadeu (1997) aponta estranheza ao verificar a ausência de uma teoria da identidade e da diferença, para ele na perspectiva da diversidade, diferença e identidade, são naturalizadas e cristalizadas. Identidade depende da diferença e vice-versa, estabelecendo identidade e diferença em uma visão mutuamente determinada.

Já para Deleuze (1988) a diferença não estaria em relação a dois pontos que, diferenciariam certo princípio de identidade, teria mais a ver com “entremeio” e não com uma suposta oposição entre dois termos, criando um permanente movimento de diferenciar. “Restaurar a diferença no pensamento é desfazer este primeiro nó que consiste em representar a diferença sob a identidade do conceito e do sujeito pensante.” (Deleuze, 1988, p.420-421).

Para Jacques Derrida (2003), que utiliza o termo “*différance*” (anarquia que improvisa portadora de uma alteridade que escapa sempre ao mesmo ao idêntico) – a terminologia não é uma distinção, uma essência, ou uma oposição, mas um movimento, uma referência à alteridade, a uma heterogeneidade, que não é um princípio oposicional.

O Outro, o diferente é pensado em termos de uma oposição entre exclusão e inclusão, do outro que é percebido como pura alteridade, como alteridade de fora, ou exterior conforme explicita Bauman:

A assunção da ordem, agora, se torna indiferenciada da proclamação das sempre renovadas “anormalidades” traçando sempre novas linhas divisórias, identificando e separando sempre novos “estranhos”. “Vizinhos” do lado, completamente familiares e sem nenhum problema, podem, da noite para o dia, se transformar em horrorosos “estranhos”, desde que uma nova ordem seja idealizada “purificando” o lugar.

Por essas razões cabe verificar se a formação docente tem tentado discutir essa questão, será que a educação é mais especialmente, no nosso caso, a Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva tem se preocupado com as diferenças ou com aquilo que poderíamos denominar como “diferentes”, “estranhos”.

Os diferentes, os estranhos são construções, reflexos de um largo processo de diferenciação. A diferenciação é o processo central no qual a identidade e a diferença são produzidas, pelas relações de poder, por resultados de processos de produção simbólica e discursiva. Questionar a identidade e a diferença como relação de poder significa problematizar os binarismos – melhor/pior; bem/mal; superior/inferior; positivas/negativas, maioria/minoria. - e o fato de traduzir essas diferenças como diferentes, volta a posicionar essas identidades como contrárias, como opostas, negativas, como “anormais”.

Dessa forma, por meio dos conceitos até o momento apresentados por esse trabalho, faremos uma análise do material proposto e sua correlação com os relatos dos alunos no que se refere ao trabalho com a diferença.

1-DESCRIÇÃO DO EIXO ARTICULADOR EDUCAÇÃO INCLUSIVA E ESPECIAL.

O parecer CNE 09/2001 que trata da reforma das licenciaturas aponta alguns problemas a serem superados na formação docente visando permitir aos futuros professores acesso ao conhecimento sistematizado, ao acervo cultural acumulado pela humanidade para a construção de uma educação realmente inclusiva. O modelo predominante estabelece que três quartos da formação se ocupem dos conteúdos específicos e um quarto da formação pedagógica. Outro aspecto importante centra-se na relação dialética entre teoria e prática, onde o contato com a prática profissional se dá nos estágios de final de curso e em momentos pontuais no decorrer dele.

O curso de Pedagogia da UNESP/UNIVESP criado com o objetivo de proporcionar formação em nível superior aos professores em exercício na Educação Básica está organizado em três blocos: Formação Geral com 1050 horas (Bloco 01), Didática dos Conteúdos com 1440 horas (bloco 02) e Gestão Escolar com 480 horas (bloco 03), a integração dos módulos de cada bloco é viabilizada pelos eixos articuladores, bloco 1 – Memória do Professor com 90 horas e no bloco 02 Educação Inclusiva e Especial com 120 horas. O total de horas a serem completadas no curso é de três mil quatrocentos e oitenta distribuídas em 2970 de atividades formativas, 300 horas de estágios e 210 horas de Trabalho de Conclusão de Curso.

No Bloco 2 referente à Didática dos Conteúdos, onde serão abordadas as áreas específicas do conhecimento, o eixo articulador sobre Educação Inclusiva e Especial elaborado pela Professora autora Elisa Tomoe Moriya Schlünzen com a colaboração das professoras assistentes Renata Rinaldi e Danielle Santos perpassa por todas as disciplinas, integrando inclusive a Língua Brasileira de Sinais. O Eixo articulador Educação Inclusiva e Especial buscou oferecer instrumentos de análise das políticas públicas e das práticas de inclusão escolar de pessoas com deficiência, visando desenvolver as habilidades de todos os alunos, com foco nas atividades próprias da escola comum, agregadas ao Atendimento Educacional Especializado.

Nesse sentido o objetivo geral traçado para o Eixo foi o de “desenvolver conhecimentos sobre a Inclusão Escolar e Educação Especial articulado aos conhecimentos específicos das metodologias de ensino.”³

Para tanto, o Eixo Articulador Educação Inclusiva e Educação Especial buscou abordar os conhecimentos da área, suas características, diferença, semelhanças, as políticas de ação e as possibilidades de atuação do profissional, com o objetivo de criar um espaço de análise da própria atuação profissional, partindo de um ambiente Construcionista, Contextualizado e Significativo.

As discussões referentes ao Ambiente Construcionista, Contextualizado e Significativo (CCS), foram de importantes no sentido de proporcionar um espaço de análise da própria atuação profissional.

Foi organizado em quatro unidades: marcos legal, alfabetização, diferentes linguagem em educação e objetos de aprendizagem. Para melhor compreensão elaboramos um quadro com os conteúdos estudados no Eixo.

Conteúdos	Formas de integração teoria e prática
Política de Educação Inclusiva e Adaptações Curriculares	Leituras, análises e discussão de textos teóricos.
Trabalho com Projetos e apresentação de Tecnologia Assistivas e Objetos Educacionais	Levantamento e vivência de atividades propostas por diferentes fontes, inclusive a valorização de experiências construídas pelos alunos/professores. Realização de pesquisas junto às instituições de ensino para que os alunos tenham contato com a realidade e possam preparar-se para o trabalho pedagógico.
Tecnologias Educacionais Digitais para o trabalho com conteúdos específicos das Metodologias de Ensino	
Elaboração e Aplicação de Planos de Ensino e Projetos articulando os diferentes conteúdos das Metodologias de Ensino	

Seguindo a dinâmica dos cadernos, o caderno do Eixo Articulador Educação Inclusiva e Educação Especial iniciou-se pela visão geral da Disciplina a qual esclareceu aos alunos os objetivos do eixo e daquela unidade. Nos momentos presenciais, a exposição do Eixo foi iniciada pela entrevista de apresentação realizada pelo professor autor, e os momentos posteriores foram direcionados para levantamento dos conhecimentos que a turma tinha sobre a temática e a problematização do trabalho realizado pelas escolas em se tratando da Educação Inclusiva. A relação teoria e prática promovida por meio da construção de um plano de ensino inclusivo focado na realidade do aluno/professor no contexto real da escola. As discussões relativas ao conceito de “diferença” foram aprofundadas com a análise do vídeo “Escola das diferenças” disponibilizado no repertório do Ministério da Educação – BIOE (Banco Internacional de Objetos Educacionais).

A primeira unidade propôs a discussão do tema Educação Inclusiva a partir da atual legislação, revisitando os momentos históricos vivenciados pela educação em se tratando do atendimento às deficiências, transtorno global do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação.

Na unidade II e III a discussão girou em torno da alfabetização, partindo do texto de referência de Machado⁴, retomando as concepções sobre alfabetização, a formação dos professores alfabetizadores presente nos parâmetro curricular, nas avaliações externas e nas publicações científicas. As reflexões propostas sobre a temática da alfabetização objetivaram a retomada do plano de ensino inclusivo proposto na unidade I e seu aprimoramento. Nesta unidade também se abordou o trabalho com as diferentes linguagens, oferecendo assim alguns fundamentos para o uso de estratégias e recursos voltados à construção e implementação de práticas de ensino inclusivas. Articulando os conteúdos de outras disciplinas (Literatura, Língua Portuguesa, Artes, Didática).

A Unidade IV abordou os objetos de aprendizagem, utilizando o guia para o professor do objeto de aprendizagem “Fazenda Rived”. Este objeto viabiliza a construção de conceitos de diferentes áreas: Matemática, Ciências, Geografia, etc. O uso da TDIC possibilitou meios que favorecem a inclusão digital, social e até mesmo educacional de pessoas com características diferenciadas SCHLÜNZEN & SCHLÜNZEN (2005).

2- A CARACTERIZAÇÃO DA TURMA

A formação de professores precisa considerar a realidade de trabalho, ampliar o domínio de conhecimentos e o potencial reflexivo, oportunizando o aperfeiçoamento profissional, a ação consciente.

Nesse sentido, entendemos como pertinente caracterizar a turma do Curso de Pedagogia Unesp/Univesp do Polo de Assis, compreendemos que a turma se caracteriza pela descrição dos alunos e dos profissionais que atuaram no desenvolvimento do curso.

A turma foi constituída de 50 alunos, dos quais 34 concluíram o curso. Contou com duas Orientadoras de Disciplinas que atuaram na coordenação e orientação do trabalho pedagógico da turma e na condução das atividades. Dois professores orientadores de turma auxiliaram a evolução acadêmica dos alunos.

As Orientadoras de Disciplina do Polo de Assis afora de possuírem a Licenciatura em Pedagogia também apresentavam graduação em Letras e História respectivamente. Ambas com experiência na Educação Básica e no Ensino Superior, desde a docência em Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e na Formação de Professores.

No desenvolvimento das atividades as turmas foram mantidas em um único grupo, os momentos presenciais eram planejados com antecedência, as orientadoras de disciplinas buscaram relacionar as atividades propostas complementando e adequando quando necessário. No caso específico do Eixo Articulador os alunos/professores participaram do Fórum de Educação Inclusiva e Especial promovido pela UNESP de Assis, Departamento de Psicologia Experimental e do Trabalho, Conselho da Pessoa com Deficiência, Diretoria Regional de Ensino e Secretaria Municipal da Educação que contou com a presença da Professora Doutora Elisa Tomoe Moriya Schlünzen.

Os Orientadores de Turma, Professor Dr. Juvenal Zancheta e Professor e Dr. Alonso Bezerra, acompanharam o desenvolvimento das atividades orientando, compartilhando, participando ativamente das discussões e a equipe contou ainda com um estagiário, dando respaldo para utilização das mídias disponibilizadas pela Universidade (Data Show, TV, DVD, Laboratórios de Informática).

Os alunos do Polo de Assis (total de trinta e quatro alunos/professor) eram graduados em diferentes licenciaturas (Letras, História, Ciências Biológicas, Geografia, Educação Física), três professores mestres, um doutorando e um aluno realizando a primeira graduação. Alguns professores estavam em início de carreira e professores próximos da aposentadoria, dois quais participaram ativamente das discussões e, em muitas situações complementando conceitos e aprofundando as temáticas abordadas nos Caderno de Formação, levando a problematização das suas relações com a Escola. Universo interessante para o desenvolvimento das disciplinas, pois favoreceu o compartilhar de diferentes vivências e diversos olhares, principalmente em se tratando das discussões em torno do atendimento a diversidade, a inclusão. As reflexões e informações propostas no Eixo proporcionaram debates relevantes, muitas vezes

“acalorados” e o compartilhamento de visões e opiniões divergentes, que possibilitaram a ampliação do “olhar” em relação ao atendimento às nossas crianças e jovens com deficiência, transtorno global do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação.

Esse ampliar “o olhar” e compreender as concepções que foram construídos não foi tarefa simples. Entretanto, para se compreender a postura do outro, necessita tanto de reflexão como de suporte teórico. Ampliar o “olhar” é ver o futuro com seus problemas, mais vislumbres possíveis soluções.

3. O DESENVOLVIMENTO DO EIXO ARTICULADOR: O “OLHAR” DOS ALUNOS

O ensino, como toda prática social, contingente a circunstâncias históricas e espaciais determinadas, encontra-se penetrado por opções de valor e, portanto é preciso identificar sua qualidade nos valores intrínsecos que se desenvolvem na própria atividade, na configuração que adquire a própria prática.

Angel Pérez Gómez 1998, p.99⁵

Buscou-se o trecho acima em um artigo escrito pela Professora Terezinha Azeredo Rios (2008), *A Dimensão Ética da Aula ou o que nós fazemos com eles*, para dar início às considerações quanto ao desenvolvimento do Eixo nos momentos de reflexão da turma, conjecturando que era preciso identificar a nossa prática pedagógica pela qualidade nos valores que se dão na própria ação pedagógica, por esse motivo deliberou-se registrar esse percurso pelo olhar dos alunos.

Uma das estratégias de desenvolvimento do Eixo foi a de levantar o que os alunos/professores já conheciam, sabiam sobre a educação inclusiva e especial, para tanto uma das atividades solicitava a observação *in loco*: “Compreendendo meu contexto de atuação”. Destacaram-se alguns apontamentos dos alunos:

Verbalizações do aluno/professor

Eliana Cristine Budiski de Lima: Poucos alunos com deficiências são atendidos na escola que trabalho, no entanto, percebo que se a escola atendesse diversos tipos de necessidades o trabalho não seria fácil em virtude da falta de materiais adequados e espaço físico adaptado. Algumas rampas de acesso foram construídas, mas algumas salas são de difícil acesso e existem degraus em alguns pavimentos. O acesso à quadra esportiva é dificultado em virtude da distância do portão e caminho longo. Hoje existe um avanço na inserção das pessoas com deficiência nas escolas, mas muito ainda precisa ser feito. Percebo que a organização do espaço educacional, no caso, a escola que trabalho, precisa de várias adequações para que seja realmente acessível a todos os alunos. Muitas barreiras dificultam e impedem a participação de todos os alunos em todas as atividades. Vivenciamos a discussão e implantação da política educacional inclusiva em todo o mundo, mas muitas ações ainda são necessárias para que possam ser atendidas as especificidades de todos os alunos.

Não percebo atos discriminatórios no ambiente escolar, mas faltam recursos didáticos, muitas vezes faltam materiais adequados e a PD precisa aguardar até que o material chegue para realizar determinada atividade, enquanto os demais alunos já terminaram (exemplo: material ampliado para alunos com baixa visão). Em alguns casos não temos todo o conhecimento para desenvolver o trabalho ideal com nossos alunos e precisamos de ajuda, precisamos de cursos de aperfeiçoamento, de formação continuada, pois cada novo ano recebemos novos alunos com diferentes dificuldades. Nós professores somos essenciais para a construção dessa nova escola acessível e capaz de garantir a aprendizagem de todos os alunos. Não há nenhuma receita capaz de amenizar os desafios enfrentados por nós professores, mas avançamos numa perspectiva do direito a educação para todos.

Thaís Nascimento do Vale: O Projeto Político Pedagógico da escola onde atuo não contempla o trabalho que vise à inclusão de pessoas com deficiência. A infraestrutura da escola em alguns aspectos não é adequada para a movimentação de alunos com deficiência física, por exemplo, a sala de educação infantil possui escadas para acessá-la, assim como o acesso para a quadra. Não há recursos didáticos ou humanos específicos para contemplar tal trabalho, até porque, crianças que necessitam de atendimento especializado vão para a escola do centro, onde há a sala de recursos, no entanto, não tenho conhecimento sobre como é o trabalho lá, provavelmente, há crianças que frequentam as salas regulares e, no horário inverso, a sala de recursos.

Mary de Almeida Souza: Na escola em que trabalho, a inclusão não se dá de forma efetiva, limitando-se apenas a receber alguns alunos com deficiências nas classes regulares. Há algum tempo atrás, recebemos um aluno surdo-mudo em uma 6ª série. Tivemos grande dificuldade, porque nem ele nem nós, professores, não sabíamos línguas. Apenas nos comunicávamos o básico, através da linguagem de sinais que havia aprendido com seus pais e que nos ensinava durante as aulas. Com o passar do tempo, foi encaminhado às classes especiais. Mais recentemente, recebemos alunos com déficit intelectual e nunca fomos consultados pela DE ou pela secretaria de educação se estamos preparados para receber esses alunos, se temos recursos na escola para atendê-los. E muito menos foi nos oferecido capacitação para isso. A cada vez que me deparava com esse tipo de situação, tentava conversar com a coordenadora, que por sua vez, levava o problema para a supervisão, que prometia providências, mas que nunca chegaram.

Observa-se pelas considerações dos alunos/professores a preocupação com o atendimento às pessoas com deficiência, apontam a necessidade de acessibilidade, nas verbalizações é comum fazer referência ao espaço físico inadequado, a falta de recursos para esse atendimento e o déficit na formação do professor.

Nessa perspectiva, verifica-se que os alunos reconhecem a necessidade de ações efetivas para que o processo de inclusão educacional aconteça, reconhecem a importância da legislação para essa consolidação, mas ressaltam que é no entrelaçamento da educação comum e da educação especial, em suas dimensões relacionadas às políticas públicas de atendimento e de formação de professores, às práticas pedagógicas e as condições da escola que se iniciam os principais desafios em torno dessa temática.

Outra atividade relevante para analisarmos o “olhar dos alunos” é os comentários nos fóruns do Eixo Articular Educação Inclusiva e Especial, duas propostas de discussão foram sugeridas.

A primeira sobre a importância de o futuro professor conhecer as políticas públicas de inclusão e o quanto os conteúdos trabalhados até aquele momento podem auxiliar no processo de ensino das pessoas com deficiência.

Fórum: Sobre conhecer as Políticas Públicas de inclusão e o quanto o conteúdo até o momento trabalhado tem auxiliado nesse processo.

Educação especial na perspectiva da educação inclusiva: limites e possibilidades.

Considerações: algumas das verbalizações e diálogos.

H. M.: Acredito que é de extrema importância o professor conhecer as Políticas Públicas para Inclusão de PD, uma vez que se trata de uma inclusão que vem se apresentando como um dos principais desafios atuais da Educação Brasileira, tanto em termos constitucionais quanto em termos pedagógicos. Como desafio complexo e valioso, a Educação Inclusiva já vem sendo trabalhada em várias escolas brasileiras.

No entanto, um sistema educacional só pode ser considerado inclusivo quando abrange a definição ampla deste conceito, ou seja, quando reconhece que todas as crianças podem aprender e permite que as estruturas, sistemas e metodologias de ensino atendam às necessidades de todas as crianças. Além disso, é importante que se respeitem as diferenças das crianças, como idade, sexo, etnia, língua, deficiência/inabilidade, classe social, estado de saúde, enfim, deve-se reconhecer e aceitar a alteridade. De modo geral, acredito que o conteúdo trabalhado até o momento permite a introdução a esse novo universo político-pedagógico, por meio de reflexões sobre alguns conceitos pertinentes ao assunto e sobre o marco legal que regem a Educação Inclusiva e Especial no Brasil.

R. L. De S. Hoje em dia trabalhar a inclusão é parte essencial da prática pedagógica. Somos todos especiais em alguma característica. Somos altos demais, baixinhos, gordos, magros, usamos óculos, temos o nariz grande, as orelhas de abano, somos desajeitados, brancos demais, etc. Mesmo sem atender a um aluno portador de necessidades especiais, temos de estar atentas às demandas particulares de nossas salas de aulas e para isso as leituras, estudos e reflexões coletivas ou individuais são práticas eficazes para nos apropriarmos das leis e das novas teorias sobre a inclusão.

L. C. D. R., adorei - "Somos todos especiais em alguma característica." Quase não tive acesso a alunos portadores de necessidades especiais. Mas, agora, lendo sua mensagem, pensei nas nossas limitações, enquanto seres humanos "normais" (desculpe-me termo) e que esta tal "normalidade" nos põe em xeque, quando deparamos com pessoas que precisam vencer obstáculos diários, vencer preconceitos e limitações e que possuem uma imensa vontade de viver. Por isso, concordo com você que leituras e reflexões possibilitam-nos conhecer sobre o tema, além de reconhecer e aceitar a alteridade, possibilitando meios de minimizar a diversidade.

L. C. D. Discorrer sobre Educação Inclusiva é um desafio para nós educadores, já que fazemos parte da Educação Brasileira. Vejo ainda que mais que um desafio é um vencer barreiras pessoais, uma vez que sentimos medo ou até mesmo incapacidade diante de PD, fato que se deve a má formação, poucos são os cursos de licenciatura que abordam o tema. E a dificuldade é ainda maior pois temos que incluir e como você bem disse, que incluir é reconhecer que todas as crianças podem aprender e que necessidades especiais de PD sejam atendidas.

H. M. De fato, L., o sentimento de incapacidade de muitos docentes para trabalhar

com PD acontece devido à falta de oferta de disciplinas voltadas à Educação Inclusiva e Especial nos cursos de licenciatura. Acredito que os docentes devem ter juntamente com o preparo pedagógico adequados, um bom preparo psicológico, a fim de saber lidar com situações específicas que podem causar sensação de impotência. [T. N. Do V.](#) É bem isso mesmo H., a nossa formação é insuficiente para darmos conta das situações que temos de lidar no dia a dia. Não fomos preparados, os cursos de licenciatura deixam muito a desejar no que se refere à formação de professores, apesar de ser licenciatura, e principalmente em preparar esses futuros professores para realizarem um trabalho com PD. No nosso mesmo, (referência a Licenciatura em Letras) acho que tivemos apenas uma disciplina sobre Educação Inclusiva, e era optativa. As leis e decretos estão aí, mas falta muita coisa para que realmente possamos alcançar uma escola inclusiva!

A segunda proposta de discussão aborda a importância da construção do plano de ensino inclusivo. Pensar na educação inclusiva por outro viés, de uma maneira nova de se ver e de ver o outro e ver a educação, o princípio fundamental do ensino inclusivo, da escola inclusiva é que todos os alunos, sempre que possível, devem aprender juntos, independente de suas dificuldades, limitações, talentos, deficiências, origem socioeconômica ou cultural. Nessa perspectiva abalizam-se alguns dos apontamentos dos alunos/professores:

Fórum: A elaboração do Plano de Ensino Inclusivo.

Linguagens em educação e formação inicial de professores uma intersecção possível.

Considerações: algumas das verbalizações e diálogos.

[E. B. P.](#) Educação inclusiva é e sempre foi um grande desafio para todos os envolvidos em educação. O professor em particular, deve entender as dificuldades dos estudantes com limitações e desenvolver formas criativas para auxiliá-los. De acordo com Maria Teresa Egler Mantoan o ponto de partida para ensinar a turma toda, sem diferenciar o ensino para cada aluno ou grupo de alunos, é entender que a diferenciação é feita pelo próprio aluno ao aprender, e não pelo professor ao ensinar. [Rosimeire Dos Santos](#) E., você tocou em um ponto chave ainda pensamos que pensar em um Plano Inclusivo e realizar um plano específico para aquele aluno, é diferenciá-lo. O movimento é realmente o "olhar" do professor na resposta que o aluno deu, para que ele possa fazer as intervenções que o aluno precisa.

[F. R. C. A.](#) Olá Rosimeire e E, essa diferenciação deve ser cuidadosa, pois ao diferenciar já não estamos excluindo de certa maneira?????? Não estamos dizendo que precisa ser diferente, quando a proposta da inclusão é o oposto??????

[L. H. Da S.](#) Oi F. Na realidade o olhar diferenciado significa exatamente voltar-se para a observação que transpõe o comumente observado, ou seja, apenas a deficiência. É esse o ponto de defesa da expectativa inclusiva. De fato, qualquer conceito ou tentativa de elaboração pode acabar caindo num eufemismo mesmo... Pensemos por exemplo o próprio termo 'inclusão', afinal, ele propõe a inserção de alguém que está, em tese, fora de. Diante das armadilhas de nossa língua, o que fazer? Mudar o olhar. Nesse momento inauguramos um processo revolucionário.

[B. C. M. dos S. N.](#) Acredito que as considerações do Helton se completem com o que a Rosi e o L. disseram sobre mudar o olhar. O olhar, pelo que entendi, deve estar voltado a todos os alunos considerando suas especificidades sendo ele aluno com necessidades especiais ou não. O texto 04 contribui entre outras esferas para pensarmos no planejamento como algo importante, pois é por meio dele que expressaremos nossas reflexões e organizaremos o ensino-aprendizagem de uma

forma que tente integrar grande parte da sala. A autora ainda cita Mizukami (1998) para nos lembrar de que o processo de ensino-aprendizagem também está pautado em aspectos "afetivos, cognitivos, éticos...".

A análise dos diálogos nos Fóruns confere que as discussões promoveram reflexões importantes para a compreensão do processo de inclusão, principalmente para a reflexão sobre o desenvolvimento de atividades práticas de sala de aula, as quais possam permitir a construção de novas compreensões, interpretações sobre o papel do professor na escola inclusiva. A análise permite observar duas frentes – teoria e prática – permitindo aos futuros pedagogos o diálogo entre o conhecimento científico, a observação e ação na atual realidade da escola.

CONSIDERAÇÃO FINAL

Refletir sobre a inclusão das crianças e jovens com deficiência, transtorno global do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação (Público alvo da educação Especial) no ensino regular leva-nos a repensar a relação entre formação do professor e as práticas pedagógicas. Retomando o propósito dessa análise que tem como foco principal o eixo articulador educação inclusiva e especial e a formação de docentes em um paradigma de educação que busca a equiparação de oportunidades e a qualidade nos serviços oferecidos a todos os alunos.

É importante destacar ainda que a construção de habilidades e competências para o trabalho com a diversidade tem gerado diversas discussões, que encaminham diferentes posicionamentos, mas esta demanda não está posta somente para a escola, e sim é um processo que abrange várias dimensões organizacionais. Nesse sentido, as reflexões, os estudos implementados cumprem um conjunto de papéis: o de viabilizar a reflexão sobre as mudanças que a escola e mais que ela o mundo precisa concretizar para aprender a conviver, o do desenvolvimento profissional e o de promover o desenvolvimento do próprio sistema educacional.

O eixo articulador possibilita pensar sobre a própria trajetória docente, sobre nossas limitações e desafios. Portanto, compreender que promover uma escola que saiba lidar com as desigualdades e as diferenças é necessário que ocorra concomitantemente à profissionalização e o aumento da competência pedagógica e didática dos docentes, na necessidade de articulação dos conhecimentos sistematizados para análise e compreensão das situações ou problemas presentes no cotidiano de nossas crianças e jovens com ou sem deficiência nos diferentes níveis de escolarização, de forma que busque o seu desvelamento e promova uma organização escolar que possa assegurar os direitos de aprendizagem de todos.

REFERÊNCIAS BIOGRÁFICAS

BAUMAN, Z. **Modernidade e ambivalência**. In Beriain, J. (org.) As consequências perversas da modernidade. Barcelona. Anthopos, 1996, pp.73-119.

CATAPAN, A.H.; “**O ciberespaço e o novo modo do saber: o retorno a si como inteiramente outro.**” Reunião anual da Anped. Caxambu. Grupo de Trabalho Educação e Comunicação – Dez anos. Goiânia: Vieira, PP 117-129.

CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica**. In: CANDAU, Vera Maria; MOREIRA, Antônio. F. (Orgs). Multiculturalismo – Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DERRIDA, J. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade**. Trad. Antonio Romane. São Paulo: Escuta 2003.

GANDIN, D. **Planejamento como prática educativa**. São Paulo: Layola, 2008.

RIOS, T. A. **A dimensão ética da aula ou o que nós fazemos com eles**. 2in “Aula: Gênese, dimensões, princípios e práticas.” Ilma Passos (org.). Campinas-SP: Papirus, 2008 (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico.).

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A política e a epistemologia do corpo normalizado**. Espaço, rio de Janeiro, 8. Ed., 1997.

VEIGA-NETO, A. **Incluir para excluir**. In Larrosa, J. e Skliar, C. Habitantes de Babel. Política e poética da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PORTAL **EDUTEC** – Banco de Dados (atividades avaliativas e fórum) –. Disponível em < http://edutec.unesp.br/~teleduc/cursos/aplic/index.php?cod_curso=564 .

CADERNO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES Didática dos Conteúdos/ Universidade Estadual Paulista. Pró-Reitoria de Graduação; Universidade Virtual do Estado de São Paulo – Cultura Acadêmica, 2011Eixo Articulador Educação Inclusiva e Especial, p.144, 2011.

NOTAS:

¹Rosimeire dos Santos: Aluna da Pós-Graduação em Educação Escolar da Unesp de Araraquara. Supervisora de Ensino Município de Assis. e-mail: m_meiresan@hotmail.com
Stelamary Aparecida Despincieri Laham: Aluna da Pós-Graduação em Educação Escolar da Unesp de Araraquara. Coordenadora do Polo da UAB – Tarumã – SP email: stelamary@gmail.com
Danielle Santos: Professora Assistente – UNESP Presidente Prudente

²Termo utilizado por Lemes, S. S. “ O currículo para a escola democratizada: das pistas históricas às perspectivas necessárias. Caderno Gestão Curricular – Pedagogia Unesp/Univesp. 2013.

³Caderno de Formação: Formação de professores didática dos conteúdos. Universidade Estadual Paulista. Pró-Reitoria de Graduação; Universidade Virtual do Estado de São Paulo- São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v.2, p.144.

⁴ Machado, Liliane Santos – Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP/Presidente Prudente.

⁵ Angel Pérez Gómez,1998,p.99 apud Rios,T.A. ; A Dimensão Ética da Aula ou O que nós fazemos com eles. In Aula ,Gênese dimensões princípios e práticas.